

Stadium

VITÓRIA (S.)-BENFICA

Manuel Joaquim tem-se revelado um magnífico guarda-rede! Não se deixou bater em Setúbal e exibiu-se a grande altura



N.º 239

2 DE JULHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

TODOS OS PROBLEMAS RESOLVIDOS

Sporting termina em ar de verdadeiro campeão! — O Porto separa, na classificação, os clubes de Lisboa, mas a superioridade destes, em conjunto, é inatacável!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Completando a 24.ª jornada disputaram-se na passada quarta-feira três encontros, com os seguintes resultados:

Benfica... 3 — Elvas..... 2
Vitória G. ... 1 — Sporting... 2
Olhanense... 3 — Belenenses. 0

O desafio do Campo Grande ofereceu certo interesse. O Elvas, desejo de impor-se, jogou com élan, numa demonstração de fibra que caracterizou o seu futebol. Pertenceu-lhe bom número de iniciativas, que, aliás, não desorientaram o adversário. O Benfica, com mais fundo, pôde na parte final empregar-se totalmente e alcançar o prémio desse esforço, com um *goal*, a seis minutos do fim, o ponto da vitória.

Em Guimarães, o clube local também jogou com entusiasmo, obrigando a defesa contrária a entrar em acção. Quase sempre. Os *leões*, não tendo jogado bem, aproveitaram os golpes do jogo para se colocarem em vencedores. A derrota do Belenenses em Olhão diz, de certo modo, o que foi o trabalho da dianteira lisboeta, em contraste com o seu adversário. Este realizou uma das suas melhores exibições da época. Assim se completou a jornada número vinte e quatro.

25.ª jornada

No domingo passado disputaram-se os sete encontros da penúltima jornada. Apesar do adiantado da época e do problema do título já estar resolvido, alguns encontros conseguiram assistências regulares. Quer dizer, até um campeonato sem conteúdo origina interesse. Vamos aos resultados:

Atlético..... 5 — Famalicão... 1
Sporting ... 8 — Olhanense... 0
Belenenses... 7 — Sanjoanense 0
Boavista... 3 — Porto..... 3
Elvas..... 3 — Estoril..... 5
Académica... 1 — Guimarães... 1
Vitória S... 0 — Benfica..... 1

A nota dominante é dada pelos clubes lisboetas, todos vencendo os seus adversários. Foi o Benfica que passou com mais dificuldade. Mas passou, que é o que importa. Houve três lutas de grande desnível e quatro equilibradas. A jornada parece ter amarrado, irremediavelmente, o Famalicão ao posto de penúltimo, que obriga a por em discussão a permanência no quadro. Foi essa a consequência mais importante. Os empates da Académica e do Boavista serviram para afoitar os seus clubes, pois a contagem dos *goals* também opera, da zona da tragédia. Acentua-se, porventura, a prática de mau futebol, mas deve ter-se em vista que estamos

no fim da época, o calor aperta, e que as equipas se mostram fatigadas. O *desfeso* é tão necessário ao futebol como o ar à Vida.

A classificação geral apresenta-se no seguinte quadro: 1.º Sporting, 22 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 117 bolas contra 38, 45 pontos; 2.º, Benfica, 19 vitórias, 1 empate e 5 derrotas, 93-45, 39; 3.º, Belenenses, 13 vitórias, 5 empates e 7 derrotas, 61-30, 31 pontos; 4.º, Porto, 14 vitórias, 3 empates e 8 derrotas, 72-45, 31; 5.º, Estoril, 15 vitórias, 1 empate e 9 derrotas, 88-55, 31; 6.º, Atlético, 11 vitórias, 3 empates e 11 derrotas, 57-60, 25; 7.º Olhanense, 10 vitórias, 4 empates e 11 derrotas, 57-73, 24; 8.º, Vitória de Guimarães, 8 vitórias, 7 empates e 10 derrotas, 51-51, 23; 9.º, Boavista, 7 vitórias, 6 empates e 12 derrotas, 50-68, 20; 10.º, Vitória de Setúbal, 8 vitórias, 4 empates e 13 derrotas, 45-42, 20; 11.º, Académica, 8 vitórias, 4 empates e 13 derrotas, 49-84, 20; 12.º, Elvas, 9 vitórias, 1 empate e 15 derrotas, 62-86, 19; 13.º, Famalicão, 7 vitórias, 3 empates e 15 derrotas, 59-95, 17; 14.º, Sanjoanense, 2 vitórias, 1 empate e 22 derrotas, 24 bolas contra 112, 5 pontos.

Na Tapadinha

Sem dúvida, é difícil jogar contra o vento, e na Tapadinha soprou muito fortíssimo — que se impôs aos dois contendores. A manifestação superioridade dos atléticos deriva, precisamente, de ter dominado, territorialmente, com ou sem auxílio desse elemento. Contam-se, na verdade, pelos dedos os ataques desenvolvidos pelos rapazes de Famalicão. Suas tentativas foram cortadas com facilidade pelos da defesa do Atlético, que souberam colocar-se na linha de intercepção das combinações.

Atacando, com maior ou menor intensidade, o Atlético não praticou futebol claro e vistoso, apesar de se ter instalado no campo do inimigo: vários lances perderam-se por falta de combinação ou de domínio de bola, e os movimentos de conjunto foram substituídos por lances individuais. O Atlético marcou os *goals* com facilidade, fazendo perfuração sem encontrar grande resistência.

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Morais, Etevlino, Gregório, Amaral, Guedes e Manuel da Costa.

Famalicão: Sansão, Armando, Cerqueira, Costa, Szabo, Ferrão, Manita, Pires, Sampaio, Tellechea e Adelino. **Árbitro** — Contente de Sousa, de Santarém. Tenha-se em vista, como atenuante, a lesão de Cerqueira, que afectou essencialmente o conjunto.

No Lumiar

Os campeões algarvios lutaram com ânimo, procurando mais estorvar a acção do inimigo do que construir. As vezes, esta orientação resulta: quando aquele que a pratica não deixa, eficazmente, que o adversário ligue os seus esforços. Mas para isso é preciso haver rapidez, antecipação e energia sem limites, além de outras qualidades.

Ora, não atacando, os algarvios também não conseguiram destruir. Os *leões* abriram a barreira algarvia com o seu futebol de conjunto, e de desmarcação, rápido e preciso, com a bola a um palmo do terreno. Os ataques sucederam-se, dando gosto ver o trabalho da ofensiva lisboeta; e o poder de defesa diminuía, sentindo-se fatigada e impotente. Além de tudo, os *leões* construíram jogo e remataram, completando a sorte.

A partida forneceu alguns aspectos desagradáveis, do chamado jogo feio. Nem no final da temporada, a fúria abranda. Travassos foi expulso por agredir um adversário a pontapé; e Ricardo seguiu o mesmo caminho, ao estorvar Jesus Correia contra as as Regras.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Manuel Marques, Canário, Barros, Veríssimo, Jesus Correia, Vazquez, Peyroteo, Travassos e Albano.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Ricardo, Moreira, Soares, Eminência, Joaquim Paulo e Palmeiro. **Árbitro** — Adriano Gonçalves, de Coimbra.

Nas Salésias

Quem foi ao campo das Salésias era para ver jogar o Belenenses. A equipa de S. João da Madeira não atingiu a bitola capaz de se bater, em casa estranha, contra um dos *grandes*, em toada de igualdade. O *team*, verdade seja, apresentou-se sem pretensões, dignamente, fazendo o seu jogo e lutando como podia e com as forças de que dispunha...

O Belenenses, pelo seu lado, fez coisas agradáveis, no que diz respeito a ligação e precisão de passes. Encontrando na sua frente uma defesa manejável, os dianteiros puderam mostrar domínio de bola e sentido de luta. Mas os belenenses teimam em perder-se na área da verdade... Ai, desorientam-se, tornam-se mais lentos e não *sacam* todas as consequências da sua arte de dominar a bola. O desafio expôs, no entanto, boas fases.

Belenenses — Sêrio, Vasco, Fe-

liciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Teixeira, José Pedro e Palma Soeiro.

Sanjoanense — Mota, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Gomes Neto, Rocha, Gonçalves, Azevedo e Alves. **Árbitro** — Libertino Domingues, de Setúbal.

No campo do Boavista

Como muitas vezes sucede, o Boavista-Porto teve duas caras: uma de bom jogo, cada adversário procurando fazer o seu melhor e ligar com método as suas forças; outra, desagradável, perdido o fio do futebol pelas duas equipas em busca de outros processos para se imporem... Quantas vezes se tem dito e redito que não há possibilidade de bom futebol desde que o jogador deixe de se preocupar exclusivamente com a bola, que, aliás, já lhe dá tanto trabalho...

Na primeira parte houve jogo de perguntas e respostas. Ofensiva organizada e cortada pela defesa dos contrários recebia logo a resposta, em contra-ofensiva também organizada. Os 3-2 a favor do Porto, da primeira parte, são números verdadeiros. Qualquer das equipas mostrava articulação. No segundo tempo só houve o *goal* do empate, de uma jogada vistosa, e o desafio perdeu interesse.

Boavista — Carlos, Silva, Pereira, Raimundo, Serafim, Garcia, Caiado 3.º, Armando, Ramos, Caiado 1.º e Barros.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Boavida, Freitas e Catolino. **Árbitro** — Domingos Miranda, do Porto.

Em Elvas

Saindo da regra geral da jornada, o Elvas-Estoril constituiu um bom desafio, com luta, energia e entusiasmo, ainda velocidade de movimentos. O equilíbrio caracterizou a partida, enquanto os elvenses tiveram respiração... Depois, os rapazes do Estoril dominaram, mas nunca em termos absolutos. Ao intervalo, o Estoril venceu por 2-1. Comprovando a afirmação já feita, pode afirmar-se que o Estoril Praia só no derradeiro quarto de hora se mostrou nitidamente superior.

Elvas — Semedo, Neves, Oliveira, Santos, Rebelo, Rana, Morais, Massano, Aleixo, Prouença e Rosário.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Osvaldo, Vieira e Raul Silva. **Árbitro** — José Trindade, de Setúbal.

O Campeonato morre hoje. Para renascer, mais tarde, de aqui a meses, com mais vida.

Em Coimbra

A Associação Académica jogou uma cartada difícil! Quando se precisa, à viva força, de vencer, as vitórias custam mais...

Os jogadores, no momento do remate, sentindo a responsabilidade, perturbam-se e não chutam nem manobram com o desembaraço do costume. Foi um pouco,

A vitória do Salgueiros

no campeonato nacional de juniores

Pela segunda vez o representante do Porto conquistou, na categoria dos juniores, o campeonato nacional de andebol e foi-lhe desta vez por intermédio do Sport Comércio e Salgueiros com absoluto merecimento.

O jogo disputado no domingo passado, no campo do Laso, tendo como adversário o grupo do Oriental, foi uma partida ani-

mo, com duas fases diferentes, melhor a primeira do que a segunda. A equipa salgueirista deu prova, desde as primeiras jogadas, de maior desembaraço na construção dos ataques, tomando progressivo ascendente que, apesar da réplica entusiástica mas um tanto desordenada dos contendores, se cifrava pouco depois de começado o segundo tempo por uma vantagem de 4-2 no marcador.

Foi a partir desse momento que a partida afluou de interesse e perdeu muito do seu valor técnico, porque os campeões portueses preferiram a tática de defesa do resultado pela anulação das acções adversárias, incorrendo em sucessivas faltas por prisão ou obstrução ilícita, com a respectiva aplicação de livres consecutivos que asseguravam um ritmo de domínio territorial aos orientalistas, que eles talvez não tivessem sido capazes de conseguir pelos seus próprios recursos.

O grupo representante de Lisboa, que conhecíamos apenas de tradição, desiludiu; muito exagero no batimento com a bola, escassa eficiência da linha avançada, onde apenas o extremo direito deu provas de rematador; na segunda parte, quando a equipa quis recuperar o atraso na marcação, mudaram-no para avançado-centro, mas o resultado foi nulo porque todos passaram a jogar para ele e só para ele, facilitando a tarefa anuladora da defesa contrária, cujos componentes fizeram, sem olhar à fama, barreira antes da linha de entrada na área perigosa.

O conjunto do Salgueiros, de melhor estampa física, soube progredir no terreno com mais clareza e rapidez, destacando-se o bom trabalho dos dois interiores, sobretudo do esquerdo, que foi o melhor elemento no rectângulo.

A arbitragem de Lampro, muito boa; sem grande severidade, mas sempre oportuna e equilibrada.

Na mesma manhã assistimos no Porto, no campo Soares dos Reis, à partida entre o Vilanovense e o Futebol Clube do Porto, que se podia considerar decisiva para o apuramento do finalista portuense no campeonato nacional. Com o empate a 5 bolas, o F. C. P. tem o lugar assegurado e mais uma vez se repete a história, pois defrontou em Coimbra o Sporting, tradicionalmente seu rival.

A partida foi fraca; muito inferior na primeira parte, ganhou emoção depois do intervalo, mas nunca atingiu nível elevado. Só nos fez ter saudades do grupo azul-branco de outrora. De notável apenas a arbitragem de António Magalhães, o o melhor homem em campo.

De nãoável apenas a arbitragem de António Magalhães, o o melhor homem em campo.

De nãoável apenas a arbitragem de António Magalhães, o o melhor homem em campo.

José de Eça

Do Campeonato de Lisboa

à «Taça de Portugal»

Porque as duas principais equipas de oquei em campo de Lisboa — Benfica e Futebol Benfica — tivessem chegado ao final de competição de 1946/47 em igualdade de circunstâncias, mesmo número de pontos: 22 — foi necessário um empate. Nesse encontro — que se revestia de «ambiente próprio» e foi disputadíssimo, sobretudo na primeira parte, o Futebol Benfica, com um segundo período admirável de domínio, confirmou a vitória que tão brilhantemente conquistara no campeonato anterior, ganhando por dois goals sem resposta.

Mas o torneio de 1947, pode dizer-se, circunscreveu-se à luta porllada entre os dois Benfites, pois os classificados mais próximos (Atlético e Belenenses — este, por sinal, um dos maiores «enimigos» da competição de 46) ficaram a nove pontos de distância — margem suficiente para se equalitar do valor real de uns e de outros! A verdade é que os finalistas se superiorizaram inquestionavelmente desde o começo — mantendo a emulação até o prélio derradeiro. Isso serviu como estímulo, e, de igual modo, para dar um «pouquinho de interesse» pela modalidade — que ultimamente tem andado... pelas ruas da amargura no que diga respeito a cariosidade do público.

Ao cabo do torneio, que se arrastou desde 19 de Janeiro até 15 de Junho, seis longos meses, a classificação ficou ordenada do modo seguinte:

	J. V. E. D.	goals P.
Futebol Benfica....	9 8 - 1	24-2 25
Benfica.....	9 7 - 2	20-5 23
Belenenses (1).....	8 5 - 5	4-10 13
Atlético.....	8 2 1 5	3-12 13
Oquei (2).....	8 - 1 7	2-23 7

(1) — Uma falta.
(2) — Duas faltas.

O campeonato foi ganho pela décima vez pelo Futebol Benfica — am recorde: e mais outro, ainda, de triânos consecutivos (6) — enquanto o Benfica, quando se em menos dois, teria igualado o número de vitórias se trianasse. Veja-se, por cariosidade, a lista completa dos 25 campeões, que é a seguinte:

1924 — Oquei Clube; 1925 — Internacional; 1926/27, 1927/28, 1928/29, 1929/30, 1930/31 — Benfica; 1931/32, 1932/33, 1933/34 — Internacional; 1934/35, 1935/36 — Futebol Benfica; 1936/37 — Benfica; 1937/38, 1938/39, 1939/40, 1940/41, 1941/42, 1942/43 — Futebol Benfica; 1943/44, 1944/45 — Benfica; 1945/46, 1946/47 — Futebol Benfica.

Desde 1934/35 — primeira época do ressurgimento do Futebol Benfica — apenas dois nomes de clubes ficaram nos quadros dos vencedores!!! Até parece que a modalidade, em Lisboa, se restringe às duas agremiações ben-

ficófilas... Esquecido, porém, o antigo prestígio do Oquei C. P., e desaparecido a cara do Internacional, a modalidade tem visto — e vai entrar-se no 14.º ano — uma emulação dos dois Benfites, que é, afinal, ainda a razão primordial da existência deste desporto.

Para disputarem a «Taça de Portugal» — uma espécie de campeonato nacional... não oficializado! — ficaram, por conseguinte, apurados os dois de Lisboa e do Porto (F. C. do Porto e Ramaldense); mas os campeões lisboenses, concorrentes desde o primeiro ano, decidiram desta feita não comparecer. Assim, o «torneio dos quatro», por que era conhecido, passa a ser... de três. O Benfica — já uma vez campeão — reúne boas condições para trianlar. Por que não voltará, pois, a inscrever o seu nome na lista?! Fazemos votos por que tal venha a suceder — isto sem esquecer o valor dos clubes do norte — porquanto a capital do País ainda não abdica desse direito.

Na primeira jornada, os dois do Porto empataram, por 1-1, e, no domingo préterito, veio a Lisboa o Ramaldense — que perdeu com o Benfica por quatro goals sem resposta. Os ex-campeões, com este primeiro triânio, colocaram-se à frente da classificação no torneio. Mas, como diz o vulgo, sentenciosamente, ainda a precissão vai no adro...

Jorge Monteiro

O G. D. de «A Iluminante»

promoveu uma festa simpática

O Grupo Desportivo da «A Iluminante», a que preside o nosso querido amigo e distinto desportista sr. Amadeu Seabra, reuniu-se no último domingo numa interessante festa de confraternização.

Todo o pessoal da importante empresa procurou estar presente: — de manhã, durante um renhido desafio de futebol, entre funcionários, efectuado no campo do Benfica; depois, num almoço de confraternização.

No desafio da manhã registou-se um empate a duas bolas. O encontro foi arbitrado pelo sr. Fausto Pistachini, que se houve com imparcialidade e competência.

A festa serviu à maravilha para ser patenteada a camaradagem existente. Os funcionários da «A Iluminante», admiradores da obra desportiva do seu gerente sr. Amadeu Seabra, e eles mesmo colaboradores simpáticos dessa obra, passaram um domingo alegre, entre amigos e camaradas. O desporto, grande força, — a todos sabe aproximar.



Os dirigentes portugueses e vascainos, antes de começar o encontro, com os troféus oferecidos. O dr. Salazar Carreira, Soares Júnior, Cândido de Oliveira e Jorge Vieira, capitão do grupo estão nesta fotografia



Os jogadores do Sporting no encontro com o Vasco da Gama. Veem-se os jogadores estranhos: Roquete, Armando Martins, Carlos Alves, Liberto e João dos Santos

Quando o SPORTING foi ao BRASIL

QUANDO há oito dias vi frente a frente, no Estádio do Jamor, as equipas do Sporting e do Vasco da Gama, a memória acordou a saudade e, fechando os olhos, procurei no cofre das reminiscências um outro encontro dos mesmos clubes há 19 anos, em terras brasileiras, no Estádio de S. Januário no dia 12 de Julho de 1928.

O cenário não era tão grandioso, mas assim mesmo imponente; no alto da grada em forma de U, acumula-se multidão entusiástica. A arquibancada, que se estende a todo o comprimento do terreno de jogo, é inteiramente coberta por um enorme alpendre de cimento armado e ocupada por cómodas cadeiras em 32 sucessivas fileiras separadas, a meia altura, por uma linha de 80 camarotes. Tudo isto, sem um lugar vago, vibrando de expectativa, rompendo em aplausos ao surgir dos jogadores.

Depois das cerimónias habituais, troca de cumprimentos e oferta de vários brindes aos sportinguistas (um magnífico e enorme bronze artístico que pesava mais de trinta quilos), o prêlo inicia-se com a saída pelos vascainos.

O Sporting alinhou com alguns dos elementos de reforço que levara de Lisboa: Roquete, Carlos Alves e Jorge Vieira; João Francisco, Serra e Moura e Martinho de Oliveira; Liberto, João dos Santos, Armando Martins, Cervantes e José Manuel Martins.

A luta trava-se em ritmo de ataque e resposta, com situações de perigo para



A fachada do Estádio do Vasco da Gama, nas trazeiras da arquibancada, de estilo português

ambos os lados, destacando-se desde logo a acção brilhante do médio centro Serra e Moura, que a crítica considerava, no dia seguinte, «a maior figura da cancha, incansável e, sobretudo, um mestre dos passes, numa exibição como poucas se tem visto nos gramados cariocas».

Apesar dos esforços das linhas avançadas, nenhum ponto conseguem marcar até ao intervalo. Cervantes, maguado, cederá o lugar a Abrantes Mendes, mas o resultado não se alterou.

Quando os grupos voltaram para recomençar o jogo, Gustavo Teixeira substituiu Armando. Aos dez minutos, José Manuel escapa-se pela esquerda, atalhando à baliza, como era seu hábito e, quando o defesa Itália se aproxima, centra rasqueiro; Gustavo remata em corrida, ao canto direito da portaria e a bola entra, mau grado a desesperada estirada de Jaguaré.

O Sporting esteve cinco minutos em vencedor: o avançado centro vascaino, Russinho, lança um remate que atira a bola contra o poste esquerdo e, colhendo-a no ressalto, o interior Pepico consegue bater Roquete.

No restante do tempo, os contendores esforçaram-se por alcançar o desempate, mas todos os esforços foram vãos. A igualdade manteve-se até final.

Durou mesmo, afinal, dezanove anos menos vinte dias e desfez-se aqui, em Portugal, em 22 de Junho de 1947.

Solazar Carreira



A equipa do Vasco da Gama, segurando a bandeira do Sporting, à sua entrada no campo



Antes de principiar o encontro os escuteiros navais oferecem uma carta a Jorge Vieira, capitão do Sporting.

OS Nossos HÓSPEDES

Eizaguirre — uma vedeta do futebol espanhol

Se os *vascatos* trouxeram até nós uma das suas mais fulgurantes estrelas — o famoso Lélé — os valencianos, muito embora não nos tivessem maravilhado, traziam em sua companhia um dos jogadores de grande actualidade em Espanha: Eizaguirre, o guarda-redes do grupo nacional.

E o guarda-redes valenciano pôde em todos os desafios demonstrar a sua classe. Claro que muito do que se fez sobre a relva do Jamor passou por vezes despercebido em face das fracas situações que os seus dez ocasionavam. No entanto, sempre que o momento era de mais aperto, Eizaguirre soube intervir com autoridade.

Eizaguirre é um moço simpático, não fingido a uma troca de palavras. Claro que lhe falámos logo dos brasileiros.

— Impressionaram-me bastante. Jogam um futebol muito vistoso, mas que lhes dá bons resultados. É que não fazem só bonitos, sabe? O seu sistema de passe curto e rápido é por vezes desconcertante. Têm uma linha avançada portentosa e sabem especialmente desarmar o adversário.

— Gostou então de vê-los brasileiros?

— Muito, sim senhor.

— O Valência?

— O meu clube acusa naturalmente um certo cansaço. Os jogos que fizemos em Lisboa não traduzem o valor do meu grupo, nem tão pouco os meus companheiros demonstraram as possibilidades que ténicamente nós pômos em jogo. De reato um clube espanhol que chega a conquistar a posição que o Valência conseguiu no campeonato é porque tem merecimento para tal.

— Que lhe parece o nosso futebol?

— Este que agora vi no Estádio Nacional é por força diferente do que pode — e aparece — num Portugal-Espanha. Agora foram jogos de um torneio particular, que também tem as suas responsabilidades e obrigações, mas joga-se mais à vontade.

— Soube que perdemos com os argentinos e os ingleses?

— Naturalmente. Mas não estranhei esse resultado. Compreende-se isso mesmo quando há o encontro entre dois sistemas ou duas táticas de jogo que não se assemelhem. E para o vosso futebol o sistema dos argentinos e dos ingleses era de vos surpreender. Que os resultados não traduzem muitas vezes com verdade o jogo de duas equipas.

— Em Lisboa dizia-se que Eizaguirre abandonava o Valência.

— Não. Sinto-me bem. Não penso nisso.

E o guarda-redes das redes espanholas cortou aqui a conversa.

Mister Barrick — uma autoridade na arbitragem

Temos recorrido, sempre que se pensa em árbitro para jogo internacional, aos ingleses.

Ultimamente este mister Barrick que veio dirigir os jogos do torço «Século»-B. S. B. tem visitado Portugal trazendo na sua bagagem o apito autoritário que lhe tem dado nome no futebol internacional.

Podemos também justamente apontá-lo como uma das vedetas

que vieram agora ao Estádio Nacional. Todo o seu trabalho correu pela melhor forma, demonstrando sempre o seu saber de mestre nisto de dirigir os vinte e dois jogadores de um desafio de futebol. Visionando bem toda a marcha dos encontros, mister Barrick observava sempre com meticoloso cuidado a marcação de uma falta.

Mister Barrick disse-nos uma das noites em que dirigentes portugueses, brasileiros e espanhóis confraternizavam:

— Muito boa iniciativa esta do «Século» e dos vossos três principais clubes. Estes torneios interessam e ajudam sempre a propaganda e o desenvolvimento técnico do *association*. Entre os campeonatos e os jogos internacionais, torneios como este são bellissimo treino.

— Gostou do futebol brasileiro?

— Interessante. São muito habilidosos. Têm um tipo de jogo e que, embora sendo muito deles, tem sua categoria.

— Os portugueses?

— Continuo a crer nas suas belas qualidades de futebolistas.

Depois de uma época de futebol movimentado e com períodos de alegrias e satisfação para as vossas ambições futebolísticas esta iniciativa do «Século» veio coroar a parte final da temporada. E por forma brilhante. Iniciativa arrojada, o popular jornal não temeu a empresa, sempre desejoso de dar o seu entusiasmo a cometimentos que sejam muito do povo e para o povo. E o futebol está bem nestas condições, como o está essa sua formosa e cativante obra de assistência infantil — a Colónia Balnear — para cujo fim correram as receitas e pela qual o «Século» se arriscou a um cometimento de tamanho vulto.

Dois nomes ficam também ligados da melhor forma a este acontecimento desportivo: o dos srs. dr. Guilherme Pereira da Rosa e Carlos Alberto Pereira da Rosa, dois amigos dedicados do desporto

Fernando Sá



Eizaguirre

A série de jogos que o «Século» organizou com o Vasco da Gama, o Valência e com os Mistos e Sporting, constituiu um êxito. Desportivamente, a iniciativa alcançou o merecido triunfo e de uma maneira geral os desafios corresponderam ao interesse que lhes estavam indicados. E valeu a pena tentar estas reuniões de futebol. Vale sempre a pena quando as coisas porporcionam encontros de futebol como um Vasco da Gama-Valência ou um Sporting-Vasco da Gama. Por isso ficam bem assinalados na actividade desportiva de 1927 estes jogos conseguidos pelo entendimento «Século» — B. S. B..

Os brasileiros foram os grandes vedetas, sabendo identificar perante o lisboeta entusiasmado o significado de toda essa popularidade e prestígio de que goza no Brasil. E através de entusiasmadas, no decorrer de discursos de saudação e agradecimento, os dirigentes brasileiros — como irmãos amigos — deram-nos alguns conselhos, procurando por palavras amáveis e sob a melhor forma diplomática dizer-nos a sua opinião sobre o caminho a dar à nossa actividade futebolística.

Nós — disse-o Sr. Silva Rocha no banquete oferecido pelo Sporting — enquanto amadores nunca podemos representar condignamente o nosso país perante o desporto internacional.

Ao acontecimento desportivo ocasionado pelos jogos sobrepostos uma série de opiniões e de conversas que talvez resultem de algum efeito no nosso futebol.

Fomos curiosos e perguntou-se aos brasileiros muita coisa acerca da sua orgânica e das suas formas. E a tudo eles responderam com agrado, garantindo o papel que representavam nesses momentos de interrogações. Não esconderam qualquer pormenor — ofereceram-nos uma bagagem bem recheada de elementos que talvez sirvam para ajudar as ideias novas que clara e francamente se notam nos homens que actualmente estão dirigindo os nossos mais representativos clubes de futebol.



Mister Barrick e Leão cumprimentando-se



Em Mafra foi inaugurado o Estádio Municipal, obra construída por esforço da sua Câmara. Celebrou-se por isso o «Dia do Benfica», partindo para a lind a vila uma excursão em automóveis, auto-carros e bicicletas. Exibiu-se ali, também, o Sport Lisboa e Saudade em futebol. O prog rama desportivo foi muito apreciado, enchendo-se o Estádio. Fez a simpática de que damos três apontamentos graficos

O Congresso de Ginástica

Está para breve o início da reunião, em Lisboa, do Congresso europeu da Federação de Ginástica Ling, um acontecimento da maior projecção no campo teórico e prático da educação física.

Nos dias que decorrem entre 7 e 12 de Julho próximo, debater-se-ão, em sessões sucessivas, os mais importantes problemas doutrinários, pedagógicos e práticos relacionados com a ginástica educativa e, simultaneamente, as organizações portuguesas exhibirão, ante os mais ilustres professores e técnicos estrangeiros, os resultados da obra desenvolvida no plano da educação física em todos os sectores da vida nacional.

Deslocam-se a Portugal, para tomar parte no Congresso, representantes da Espanha, França, Bélgica, Grécia, Dinamarca e Suécia, enviando-nos este último país uma classe de ginastas que, por certo, vão alcançar nas suas apresentações o mesmo êxito que, há anos, obtiveram entre nós os alunos de Nils Bukh.

Neste período de excepcional actividade desportiva portuguesa, na sequência de grandes acontecimentos internacionais que se gerou na comemoração dos centenários de Lisboa conquistada, o Congresso de Ginástica ocupa um lugar de primeiro plano e merece ser considerado a par das organizações que maior reflexo conseguiram no interesse popular. Porque se não trata apenas da reunião puramente de carácter científico que poderia imaginar-se, mas também de motivo ao desenvolvimento de amplo programa de festivais e demonstrações ginásticas de grande envergadura.

Esperamos com expectativa justificada os anunciados saraus no Pavilhão de Desportos, a exibição de soldados no Castelo de S. Jorge e de alunos marinheiros no Alfeite; dos trabalhadores da FNAT na colónia da Caparica e

dos rapazes e raparigas da Mocidade Portuguesa no palácio de Sintra.

Todas estas apresentações vão pôr em foco o muito trabalho realizado na cultura ginástica da juventude portuguesa, mercê de muitos esforços coordenados, de segura acção orientadora, disciplinada e firme, dentro de um plano que bem pode considerar-se da mais eficaz reconstrução nacional.

Quem chegou primeiro?

A respeito da classificação de chegada dos últimos corredores da etapa de 3 x 100 metros nos Campeonatos de Juniores, o juiz árbitro, sr. Armando Sá, expôs as suas razões no nosso colega «Baliza», as quais divergem das normas regulamentares que apresentámos no n.º anterior número. A coisa foi pior ainda do que julgávamos, pois o árbitro confessa que, apesar de ter juízo formado, resolveu consultar os membros do júri presentes: quer dizer, toda a gente foi juiz de chegada, fossem quais fossem as funções que desempenhava.

O mais curioso, porém, da argumentação do sr. Sá é um período em que ele explica que o corredor que vence é aquele cujo centro de gravidade está mais adiantado, visto ser «esse centro de gravidade que define a chegada, atendendo a que o corredor vai de pé».

Confessamos não compreender muito bem esta doutrina, que é de absoluta novidade no critério de interpretação da chegada; agora, desde que o ilustre técnico português nos assegura a certeza da sua descoberta, parece-nos fácil enitar os erros na classificação dos juizes de chegada: basta tornar obrigatório que os corredores tragam pintado a encarnado, no equipamento, o respectivo centro de gravidade.

Há um pormenor, porém, em que podemos garantir ao sr. Sá que julga ao invés da verdade: vindo dois corredores a par, se um entra de peito e o outro de ombro, é este que antecede aquele e não o primeiro, como o insigne dirigente gratuitamente declara.

Trata-se de um facto de conhecimento geral, podendo ser calculado no equivalente a metade do diâmetro biacromial o benefício conseguido pelo corredor que sabe meter a tempo o ombro na linha de chegada.

Se a preferência dada pelo sr. Sá ao corredor benfiquense se baseou na circunstância de ter ele entrado de peito, ao passo que o adversário entrou de ombro, então já não temos dúvidas: quem chegou primeiro foi o do Sporting.

Organização superior na secretaria e no campo

LONDRES, Junho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Nos clubes ingleses muitas «pequenas coisas» contribuem para o seu aperfeiçoamento técnico e comercial. Em toda a parte do Mundo, como por certo se sabe, depende da organização interna, quando primorosa, o bom êxito desportivo das colectividades.

Uma equipa de futebol não se impõe apenas pelo treinador, como poderá julgar-se. E como a equipa de futebol — todas as equipas. Ora em Inglaterra tudo foi previsto, tudo está ligado convenientemente, e de tal modo bem ligado, que a sincronização é absoluta e simples. Simples, sim senhor.

Os grandes clubes ingleses possuem o seu director-técnico, pessoa especializada em tudo quanto se relacione com as modalidades desportivas, profissional de boas relações com toda a gente de casa e de fora dela. A direcção, ou a Empresa, se quiserem, lida apenas com o seu secretário e director. Este tem a responsabilidade geral, sabendo de tudo, escutando todas as reclamações de fora e de dentro, limando dificuldades, recusando os próprios atletas, vigiando os trabalhos das secções, ligando o treinador e a empresa (gerência), expando ao jogador desejos vindos de cima, regulando os trabalhos de secretaria e de administração, vendo obras no Estádio, na sede, e tudo o mais que for preciso.

Quando as equipas saltam ao terreno, em Londres, na Escócia, no País de Gales, na Irlanda ou fora das ilhas britânicas, não se corre o perigo de faltar um bilhete de comboio, de vapor ou de avião; as botas (até aqui nesta «pequena coisa» a sua acção se faz sentir), as botas, dizíamos, têm os pitões na altura própria, têm o selo preciso; as equipas não precisam de remendos, e os jogadores estão rodeados da comodidade indispensável. O director-técnico está sempre com as equipas, porque estas se habituaram a ele, respeitando-o ao máximo, porque ele sabe de tudo e de todos, porque ele é a figura central do clube, embora subordinado a outros elementos que o ouvem e por sua vez lhe expõem os seus pontos de vista.

Os próprios treinadores conversam com o director-técnico. Este não forma os grupos, mas as suas teorias são muitas vezes consideradas muito úteis, por se tratar de um elemento conhecedor das responsabilidades do clube e do próprio meio.

Por tudo isso, os clubes ingleses dão provas de uma organização superior, organização que lhes permite progredir sem preocupações. Nem os atletas, pela sua disciplina e pelo seu saber, responsáveis e conhecendo as funções de cada um, admitem já outra coisa, habituados a encontrar tudo no seu lugar próprio.

O segredo das vitórias no fute-

bol inglês não existe apenas na forma dos seus jogadores, na boa classe das suas equipas. Embora pareça o contrário, esse segredo principia à entrada do Estádio, estende-se às secretarias, aos ginásios e chega aos próprios laboratórios e balneários. É a vitória da organização.

Nos clubes ingleses não é possível encontrar um descuido, não cabem esquecimentos. Há sempre tempo para tratar das coisas mais finimas, porque os assuntos estão mecanizados e bem dirigidos, embora à custa das suas boas finanças.

Mas, se não forem sacrificadas, — poderá a equipa de clube viver como vive, bem amparada, superior, revelando no campo ou fora dele a paz do ambiente clubista? No futebol como no resto.

Nos clubes ingleses trabalha-se deste modo. Não falando nos treinos, que o secretário-técnico vigia constantemente. O treinador não é «interrompido», mas é vigiado. O secretário-técnico respira de dia e de noite a vida do clube, bem pago e senhor de todo o prestígio, mas a empresa pode descansar, dormir à vontade, — «que tudo está previsto»!

É muito importante a organização, a linha, a directriz dos clubes ingleses. O jogo representa a fase final de um trabalho longo, feito em profundidade. Nesta altura da época, por exemplo, já se trabalha, já se procura servir o ano próximo, para evitar o abaixamento de forma e tudo o mais que se relacione com o prestígio do clube.

O secretário está na secretaria e cá fora.

Tudo serve para compor esse prestígio. Nem só Matthews, Lawton, Finney, Carter, Swift, Franklin ou Scott. Há umas figuras que mal se vêem cá de fora, mas que agitam a vida do Arsenal ou do Chelsea, do Wolves ou do Liverpool. A sua propaganda, dentro e fora das fronteiras, a sua boa ordem individual e colectiva, é dirigida por cada um desses elementos. Quando se encontram, nunca mais largam. E quanto mais velhos e experimentados — melhor um pouco!

Fernando Mendes

Almanaque dos Desportos

Este sensacional trabalho não pode ser apresentado em público com a brevidade que se esperava. Por isso mesmo, estuda-se a possibilidade de fechar o «Almanaque» de época a época e não de ano a ano, modalidade que serviria admiravelmente os desportistas. O que pode e deve é afirmar-se que a obra agradecerá em absoluto, continuando a receber-se inscrições, na Redacção do Stadium e na Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, 1.º Esq.

Ano V — II Série — N.º 239
Lisboa, 2 de Julho de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIÉDÉ DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEO GRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

TREINADORES

Há falta de treinadores de futebol em Portugal. Porque o cargo é difícil, nem todas as pessoas reúnem os requisitos suficientes para o seu bom desempenho. Não basta ter praticado futebol (todos conhecemos casos de grandes jogadores que, como treinadores, são fracos: e também se dá a inversa, jogadores maus serem bons treinadores), nem saber da bola mais do que a média, mas é preciso ainda um conjunto de qualidades morais e de bom senso, afinal necessárias em todos aqueles que têm de encaminhar homens, unido-os no mesmo pensamento. Tanto na fortuna como na desgraça.

O treinador deve ser o melhor amigo dos jogadores, embora tenha de impor disciplina. Estes não devem ver naquele um verdugo, uma pessoa sempre pronta a punir, mas antes o orientador, sensato e disciplinador, a quem incumbe a pesada tarefa de unir esforços e pedir sacrifícios a bem do *team* e do clube.

Sabemos de treinadores que merecem o respeito daqueles que trabalham com eles, e conhecemos outros que nunca conseguem a estima dos seus subordinados...

Quer-nos parecer, porém, que a falta de treinadores portugueses resulta da orientação clubista. Não nos parece solução passar a vida inteira a mandar vir treinadores de fora, e a contratá-los, não ensaiando aqueles que, tendo já dado provas, se dedicam à profissão...

A vida pesada da preparação dos grupos de clube já não pode ser confiada, por muito vasta e complexa, a um só homem. Justificando-se assim o critério de colocar auxiliares junto do treinador-chefe. Mas logo que haja oportunidade de deixar voar esses candidatos, deve-se facultá-la, e não cair, por uso e costume, no contrato do treinador estrangeiro, que, mais caro, nem sempre se mostra melhor do que o treinador nacional. Nem com a mesma dedicação.

Que vale eriar «escolas de treinadores», em Portugal, se os indivíduos com esse diploma andam depois para aí, aos trambolhões, não tendo trabalho e não o encontrando em parte alguma. Escola de treinadores, sim, mas dando-se garantias e possibilidades aos que tirem o curso, que deve ser sério, com aproveitamento.

Há resposta para tudo...

P. 499 — Dos quatro jogadores, Franklin (de Guimarães), Catolino (do Porto), Curado (de Guimarães) e Gomes (do Belenenses), qual é o mais técnico, isto é, mais sábio do lugar que ocupa? De um *ferrento* pelo futebol de S. Torcato.

R. 499 — Isso não vale. A pergunta é uma verdadeira rasteira...

P. 500 — Porque será que só ultimamente se diz que Peyroteo comete um erro ao receber jogo com as costas viradas para a baliza adversária, quando é certo que sempre foi este o seu jeito característico de receber a bola em frente das redes, sem nunca merecer reparos da crítica a não ser agora? (De um *benfiquista* que admira Peyroteo).

R. 500 — Ao que parece, está na moda dizer mal de Peyroteo. É certo que o conhecido avançado está em má forma. Mas de aí a não valer nada, como pretendem alguns, há um abismo...

P. 501 — Qual é o melhor: Travassos ou Araújo; Veríssimo ou Joaquim (do Porto)? (De um *sportingista* poveiro).

R. 501 — Quanto à primeira parte, trata-se de dois jogadores, igualmente valorosos, mas de estilo diferente; no que toca à segunda — vamos pensar, e talvez não cheguemos a qualquer conclusão!

P. 502 — Desejava saber quais os resultados conseguidos pelo Porto contra o Vasco da Gama em 1931? (De M. F. S. J., um adepto do Porto).

R. 502 — O Vasco venceu por 3-1 e perdeu por 2-1.

P. 503 — Pode dar-me por ordem os três primeiros clubes que têm mais sócios? (De um *leão de Ilhavo*).

R. 503 — Benfca, Sporting e Futebol Clube do Porto.

P. 504 — Travassos, interior-esquerdo do grande Sporting, é casado? Onde mora este grande jogador substituído do grande Pinga? (De um *ilheu* que é *leão*).

R. 504 — Travassos é solteiro e mora no Campo Grande; actualmente presta serviço militar no Regimento de Engenharia 2.

O inquérito de Braga veio provar a existência de graves irregularidades! Há dirigentes que são capazes de tudo — verifica-se, afinal! — querendo, por meios ilícitos, o que se deve conquistar em campo, na luta nobre e desportiva. Porque, verdade seja, os jogadores ainda têm desculpa; mas os dirigentes, de forma alguma...

A Federação puniu com dignidade e exemplarmente. Que nunca as mãos lhe doam em tais emergências... Infelizmente, o «caso de Braga» não é único. Talvez tenha, pela sua importância, mais ressonância. Sabemos de outro, em recurso para a Federação, ocorrido na Associação de Aveiro. Muito desagradável: dois clubes entraram em combinação para prejudicarem um terceiro. Limpe-se o meio! Castiguem-se inexoravelmente os culpados!

CORRE QUE...

O Belenenses pensa a sério no reforço do seu grupo de honra, parecendo ter adquirido o concurso do excelente avançado-centro do Sporting, Sidónio.

♦♦ Raul Vieira, convidado pela Federação de Espanha a ver a «final» da Taça, na Corunha, acompanhado de sua esposa, foi alvo de manifestações de apreço e simpatia.

♦♦ Nada está ainda resolvido quanto à futura mecânica dos campeonatos, e o facto lança perturbações no meio.

♦♦ Scopelli, que chegará em meados de Julho a Lisboa, foi contratado pelo Belenenses por três anos, na vaga deixada por Augusto Silva.

♦♦ Ricardo Zamora continuará como treinador do Celta de Vigo, desfazendo-se em fumo a notícia da sua viagem à Argentina...

♦♦ O Vasco da Gama pretendia fazer um último jogo, de regresso ao Brasil, em Lisboa, contra o Sporting, mas a iniciativa não foi por diante.

♦♦ No inquérito feito em Coimbra pelo sr. Dr. Salazar Carreira, parece ter ficado provada a não-existência das declarações produzidas no boletim do jogo Académica-Benfca pelo respectivo juiz de campo.

♦♦ O seleccionador nacional apresentará brevemente a sua demissão.

Assinem a STADIUM

Stadium

AO PORTO falta um campo!

Contra o Vasco da Gama o F. C. do Porto «sacrificou-se» por isso mesmo. E' preciso manter o seu prestigio, é necessário fazer ver ao público que o «fôgo sagrado» existe, existirá sempre, contra tudo e contra todos. Os outros têm campo — mas não têm a «força» do F. C. do Porto! Mas este F. C. do Porto, mendigando a favor dos outros, pagando ainda esses favores, quando ele perde, luta inglôriamente pelo seu prestigio e pela beleza do desporto da sua terra. Um dia dirá: — a nossa posição foi conquistada a golpes de energia... Quando? Confessemos o nosso desamparamento ao verificar, neste jogo Porto-

Ficam os comentários merecidos. O jogo teve já o seu relato próprio, em vários jornais. Nesta reportagem cabiam apenas algumas notas sobre o seu esforço mal compensado e sobre a situação especial. Situação que a boa vontade não conseguiu modificar até hoje. O primeiro clube do Norte e um dos melhores do país, campeão nacional algumas vezes, quase sempre campeão do Porto, dedicado a todas as modalidades pobres, onde a sua história é brilhante — não desanimará porém. A sua força aparecerá, com certeza!

RODRIGUES TELES

Vitor Guilhar e Rafanelli, que substituiu Lélé no cargo de capitão, posam no final do jogo, abraçando taças



Barrigana defende uma bola alta, apertado por Friaça. Joaquim e Romão observam o lance

A gerência do F. C. do Porto, animada pelo propósito simpático de oferecer ao seu público um jogo da melhor categoria, conseguiu apresentar no Estádio do Lima a equipa do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Os seus esforços, porém, não puderam ser compensados, embora toda a dedicada massa associativa do popular clube nortenho paga-se as suas entradas e comparecesse na máxima força. Mas o Lima poderia levar ainda mais gente. A organização aproximava-se dos 350 contos. E as responsabilidades do F. C. do Porto perante o Académico, proprietário do Estádio, são penosas...

-Vasco da Gama, que as dificuldades colocadas na frente do clube nortenho são demasiadamente grandes. Revelaram-nas os seus dirigentes, desolados, após o jogo que lhes levou algumas noites de trabalho e de conzumições. O que ficou de tudo isto? Uma derrota da sua equipa, por 2-0.

Continuará a ser assim enquanto o primeiro clube do Norte não resolver o «seu problema». O seu progresso está condicionado lamentavelmente, e o desânimo das suas dedicações mais fortes pode ter ainda consequências aborrecidas.

Lamentamos sinceramente o que acontece ao F. C. do Porto. E um pouco mais, naturalmente, por conhecermos de ponta as suas possibilidades, a força da sua história, os seus desejos de conquistar, no desporto nacional, uma situação merecida. Estas organizações como a do Vasco da Gama são necessárias, para manter o público ligado ao «seu clube», para que o futebol do Porto, tanto no espírito das gentes, se não perca totalmente.



Joaquim não deixou passar Lélé e Barrigana aproveita para defender



Carvalho, excelente médio portuense, opõe-se com decisão a uma descida de Maneco



Fases do jogo Vitória de Setúbal-Benfica: — à esquerda, Acácio Correia, lança-se aos pés de Júlio para um remate; ao meio, Moreira não leva a melhor em lutas no interior esquerdo setubalense; Figueiredo procura dominar Tenreiro mas o rapaz tem habilidade



O BENFICA triunfou no campo do adversário por 1-0

Vitória expressiva do SPORTING contra o OLHANENSE



O jogo Sporting-Olhanense Abraão parece um pouco comprometido na frente de Peyroteo. O avançado-centro está em posição de remate (à direita); o mesmo Peyroteo (à esquerda), salta com Abraão. O olhanense devolverá a soco



Belenenses contra Sanjoanenses, guarda-rede do último classificado, a despeito das bolas soltas, demonstrou possibilidades. Aqui o vemos defender um remate de José Pedro — à esquerda; à direita — Teixeira da Silva despe um dos seus remates. E foi mortal porque levava na força e direcção



O Belenenses

EXIBIU-SE

excelentemente contra a Sanjoanense e venceu por 7-0

A VIDA DESPORTIVA FORA ÉSSE MUNDO FORA

BOXE

Os projectos de Cerdan

Manuel Cerdan, agora em tournée pela França, conta seguir para a América depois de 15 de Julho. Antes de medir forças com Grazziano ou Tony Zale, para o campeonato mundial dos médios, Cerdan tem alguns contratos em via de fecho.

Peter Mead, Ruben Shank, Sorny Horne, Al Hostak e Jerry Fiorello são alguns dos nomes indicados para adversários.

Vitória de Kronowitz

O judeu Herbie Kronowitz, nova estrela que surgiu nos «médios», derrotou Harold Green, recente vítima de Cerdan, por pontos em 10 assaltos.

O vencedor empregou frequentes directos da esquerda e Green mostrou embaraço, revelando-se mal refeito do castigo infligido pelo campeão da Europa.

E outra de Grazziano

O próximo adversário de Tony Zale, o pugilista italo-americano Rocky Grazziano, acaba de pôr fora de combate, ao 5.º assalto, em Toledo (Ohio), o jogador de Brooklin Jerry Fiorello.

Cerca de 6.000 espectadores assistiram ao match, protestando porque o árbitro suspendeu a batalha em consideração a uma ferida no sobrolho de Jerry, que sangrava abundantemente.

Willie Pep reaparece

O campeão mundial dos meios-leves, Willie Pep, reapareceu vitoriosamente no ring, na cidade de Hartford, depois de uma ausencia longa por motivo de doença. Oposto ao mexicano Vitor Flores, bateu-o por pontos, arrojando-o à lona duas vezes.

Resultados vários

Em Joanesburgo, o holandês Niels de Rood venceu Alf. James por pontos, em 10 assaltos.

Em Gallarate (Itália) o pugilista Bueno Bisterzo derrotou o jovem Banfi por pontos, em 8 rounds.

Minelli vencedor em Nova York

Lívio Minelli, que os lisboetas viram combater Jorge Larsen, derrotou Norman Rubio, por pontos, em 12 assaltos.

O match efectuou-se em Nova York.

NOTA DA SEMANA

A reunião dos delegados de bastantes países, celebrada agora em Estocolmo para estudar vários problemas relativos aos Jogos Olímpicos, sob a égide do Príncipe Gustavo Adolfo, herdeiro do trono, deliberou designar a capital da Finlândia, cidade de Helsínquia, como local dos próximos Jogos de 1952.

Eram candidatas outras ceubes famosas como Los Angeles, Amesterdão e Chicago, mas nenhuma conseguiu reunir melhores credenciais do que aquela cidade do Báltico — apesar da circunstância desfavorável dos finlandeses terem lutado com a Alemanha contra o inimigo comum.

Um dos representantes presentes em Estocolmo foi o Marquês de Polignac, do Comité Olímpico francês, cujo discurso proferido diante de vinte e oito dos delegados, a imprensa classificou de atómico!

O senhor Marquês atacou as ideias estreitas que exigem o amadorismo integral. Citou, a propósito, estas palavras do falecido Barão Pierre de Coubertin:

«Todos nós sabemos que os profissionais, até os acrobatas de circo, demonstram possuir um espírito desportivo que os amadores por vezes lhes injejam. Apenas esse espirito desportivo, verdadeiro, me interessa e de modo nenhum as considerações ridículas cujo resultado é permitir que só milionários pratiquem o desporto».

Aparentemente está muito bem mas o delegado inglês, Lord Burghley, um praticante autêntico de há três lustros, definiu melhor o problema quando disse que os três objectivos primordiais do Comité Olímpico deviam ser: 1.º Convencer os atletas a praticar desporto sem esperança de retribuição pelos seus esforços; 2.º, adaptar os regulamentos às tendências sociais que surgirem; 3.º, animar os atletas que já não possam brilhar nos estádios a dedicarem-se à direcção das colectividades desportivas dos seus países.

Que a ideia dos salários-perdidos se presta a muitas irregularidades, não há que ver. Todavia está um pouco no espirito de justiça mais elementar a consideração de tal problema.

Isso, é que não ficou resolvido ainda em Estocolmo e a amnistia que o Comité Olímpico concedeu a todos os atletas russos, que outrora receberam dinheiro, só enfraquece a posição dos dirigentes abalando, também, os alicerces do olimpismo.

R. B.

VASCO DA GAMA

perde por 3-2 na Corunha

O Vasco da Gama encheu o Estádio de Riazor, depois de ter disputado quatro encontros. Coube

lhe defrontar, na Corunha, o excelente representante da fúria espanhola, o Atlético de Bilbao, que fez um desafio modelo, naquele aspecto. Jogador rápido, com alma e vontade, os viscaínhos chegaram a 3-0 a seu favor, à meia-hora, batendo o seu adversário logo no primeiro golpe.

Estes, surpreendidos, levaram tempo a recompor-se... Por fim, na fase derradeira do primeiro tempo e em toda a segunda parte, impuseram-se pelo aperfeiçoamento da articulação e pela facilidade e beleza do seu domínio de bola. Os viscaínhos abandonaram, porém, em tática de boa prudência, a ideia do ataque para se entregarem, do coração, à defesa, como os espanhóis sabem... Semelhante tática, não abalando os créditos do Vasco da Gama, custou-lhe, no entanto, a sua segunda derrota na Península.

AVIAÇÃO

O novo recorde de velocidade

O chefe de divisão de ensaios do aeródromo Wright (Estados Unidos), coronel Alberto Boyd, conquistou o recorde de velocidade em avião que estabeleceu a 1.003,695 quilómetros à hora.

Boyd pilotou um aparelho com motor de reacção P. 80, chamado «Estrela Polar», e trouxe para os Estados Unidos, pela primeira vez depois de 24 anos, o máximo da velocidade em aeroplano.

2. Divisão

Arrumou-se a questão. Um dirigente do Sporting de Braga foi irradiado, outro suspenso e parece que pouco mais. Dado por concluído o inquérito, efectuou-se o jogo entre os minhotos e o Unidos de Montijo.

No seu verdadeiro campo. E no seu verdadeiro posto, lutando, ganhou afinal o Sporting de Braga! Os montijenses, após algumas semanas de discussão mais ou menos rija, perderam o encontro, retirando também ao Oliveirense algumas possibilidades.

A vitória do Sporting de Braga confere-lhe o título de campeão nacional da 2.ª Divisão e a entrada automática na Divisão Maior do futebol português, em substituição da Desportiva Sanjoanense.

Agora teremos o Lusitano de Vila Real na berlinda. Terá de bater o penúltimo da Divisão de Honra se quiser ingressar no grupo dos «grandes». Não o fazendo, continua onde está.

E voltemos ao jogo de Montijo. Os bracarense conseguiram os seus dois pontos na primeira parte do desafio, favorecidos pelo vento, mas jogando na verdade o suficiente para merecer a vantagem.

No segundo período do encontro, os montijenses tiveram também oportunidades. Alguns maus remates dos avançados locais e também a força de vontade que os bracarense revelaram durante o resto do desafio serviram para destruir a ideia de uma alteração.

No fundo, os minhotos ganharam o encontro de maneira a evitar dúvidas. E antes assim.

Os autores das bolas do Sporting de Braga foram Mário e Cassiano, aos 9 e 37 minutos.

Alinharam:

Sporting de Braga — Salvador; Palmeiro e Sobral; Joaquim, Daniel e Veloso; Barros, Maciel, Mário Frederico e Cassiano.

Unidos de Montijo — Braço Forte; Belo e Pinto; Jorge, Carneira e Soares; Aleixo, Vieira, Vital, Custódio e Caninhas.

O desafio foi bem arbitrado por Abel Ferreira, da A. F. Lisboa. Deve dizer-se, entretanto, que o jogo foi correcto, a despeito da sua importância. A assistência, numerosa, também o não perturbou.

Carlos Canário foi homenageado

Antes de principiar o desafio Sporting-Olhansense, na presença de todo o grupo leonino e dos srs. dr. Ribeiro Ferreira, presidente do clube, e César Vitorino, director, foi entregue a Carlos Canário uma artística pasta com assinaturas de centenas de portalegrenses, contrerrôneos seus.

Desempenhou-se dessa missão o nosso camarada Rodrigues Teles, atendendo a uma solicitação amável do Estrela de Portalegre, clube de onde Canário veio para o Sporting. O simpático clube alentejano quis mostrar assim o seu contentamento pelo facto do excelente médio leonino ter capitaneado o grupo B de Portugal no encontro de Bordéus.

Notas à margem

do Campeonato Mundial de Oquei

II—A equipa da França

Ora aqui está uma equipa — na sua maioria constituída por jovens e estrepentes em pagas internacionais — que pode muito bem vir a ser a digna sucessora de outras tantas representativas do oquei francês de nomeada, como, por exemplo, aquelas que conquistaram brilhantíssimas classificações (2.^{as} e 3.^{as} lugares) nos seis primeiros campeonatos europeus: de 1926 até 1932. Mas, diga-se com verdade, vai longe o tempo em que a França tinha uma das mais fortes equipas de oquei em patins do continente. E porque não a melhor de então? Hoje, porém, os franceses (como, aliás, sucede com a maior parte de estrangeiros) estão passando por um período, mais ou menos longo, de adaptação às circunstâncias. A guerra, que devastou a Europa, atingiu fortemente algumas das nações outrora poderosas, no campo das actividades desportivas; e, por isso, há que atender às suas inevitáveis consequências... Negar esta verdade seria absurdo. Os oqueistas galeses estão nesse número — mas têm recursos suficientes; se bem que, ainda muito antes da guerra, já a equipa da França tivesse perdido o seu poderio das primeiras épocas — em que foi a maior «perseguidora» da Grã-Bretanha nas lutas para os títulos de campeões da Europa e do Mundo na modalidade oqueística.

Recordámo-nos, com infinita saudade, no vemos em acção esta equipa que ora nos visita, uma outra que há mais de uma dezena de anos esteve entre nós: a do Biarritz H. C. Que diferença entre os dois! Mas também a qualidade do jogo era bem outra... Jogava-se nesse tempo com mais perfeição técnica — enquanto actualmente se pratica o oquei à base da velocidade e da improvisação. Havia maior interesse e cuidado no jogo; hoje, porém, nota-se mais beleza espectacular, e, talvez, maior rendimento, por via da rapidez, no caminhar para a baliza e na leitura dos goals. São sistemas diametralmente opostos. Que têm, como todo na vida, simpatizantes e detractores. Nós — e não nos repugna confessá-lo — ama e mais vezes! — gostávamos mais do *jogo antigo*; havia mais perfeição técnica e mais conjunto; era um desporto agradável e bonito; mas agora, repita-se, o rendimento tornou-se superior e a velocidade do jogo muito maior. Os praticantes, regra geral, são «brigados a esforço permanente e desgastador. Dorarão os de agora tanto tempo? Aparentemente os «casos» específicos de Magalhães, de Leonel (e até de Olímpio — o mais moderno praticante do *jogo antigo*). Isto em Portugal — para não falarmos já de outros oqueistas, ainda em actividade ou que abandonaram há pouco, os quais não chegaram a atingir a internacionali-

zação... Quanto aos estrangeiros, cite-se, para confronto, nomes como os dos suíços Gervez e Martinetti, dos belgas Boggaerts, Cossneris e Van Hoff, dos britânicos Walters, Halme e Newbery e dos italianos Grassi e Kalmann. São (todos eles) jogadores de *jogo antigo*... mas que ainda «botaram figura» (como diz o vulgo) no torneio disputado no Pavilhão dos Desportos... adaptando-se convenientemente às características de jogo na actualidade.

A equipa da França teve por si a decidida simpatia do público — e essa circunstância serviu-lhe para obter, principalmente, um triunfo pela tangente sobre os italianos; mas no decorrer do torneio foi claro e insólito — o apoio da assistência — prova provada de que a França tinha e tem muitas simpatias dos portugueses. De resto, os componentes da turma galesa, bons desportistas, leais e correctos, mereciam em absoluto tal apoio e corresponderam perfeitamente ao que deles se esperava. A equipa, composta de jogadores de vários clubes, chamados à efectividade para suprirem a ausência de algumas *reliquias*, deu rendimento normal. Nela se integravam elementos de Biarritz, Bordéus, Lião, Nantes, Paris e Tolosa (2) — e em tais circunstâncias era difícil a «afinação»; no entanto, eles corresponderam, dando perfeitamente conta do recado. Não foi compensadora a classificação? Mas isso que importa? Está ali uma equipa de futuro. Charles Marchand (Rhône Sportif de Lyon), Roy Roger (A. B. C. L. de Nantes) e Roger Changart (Biarritz Olympique) — são jogadores com mérito; e «promessas» reais, assim como Lucien Imbert (Paris H. C.), Gastave Peyrecave (Toulouse F. C.) e Jean Comte (Stade Bordelais) empareceiram muitíssimo bem; e ainda o sapiente Pierre Rivière (Toulouse F. C.) — todos, em suma, constituindo um núcleo de oqueistas sabedores. Faltar-lhes à prática, é certo, onde lhes sobeja energia, voluntariedade e juventude. Referência especial para Marchand — longe ainda de um Henri Sabalette, por exemplo, ou de um Jean Sabourin — e para Changart, os melhores, que tiveram dignas comparsas em Roy e Imbert. Contudo, a turma galesa, em preparação, não podia ter maiores aspirações. O penditimo lugar, sem ser de incentivo, foi lógico.

Convém, acentaar, entretanto, que a França já teve uma boa equipa — que na sua estreia internacional, em 9 de Abril de 1926, em Herne-Bey, empatou com a Inglaterra por 2-2; e no dia imediato fez resultado igual contra a Alemanha. Nesse ano de estreia, a França obteve o segundo lugar, sem derrotas, e a Inglaterra só pôde conquistar o seu primeiro título — que veio

Em Madrid houve prémios mas não houve sorte

HIPISMO

O facto da equipa portuguesa que este ano se deslocou a Madrid, chefiada pelo tenente-coronel Ivens Ferraz e constituída pelo major Hélder Martins, capitão Correia Barreto, José Carvalhosa e tenente Henrique Celado, não ter ali obtido nenhum primeiro prémio, em nada deslustra o brilho da nossa representação, o que se revelou, no decorrer de todas as provas, apenas desacompanhada de aquele factor sorte indispensável a quem ganha.

Só por mera infelicidade se perdeu a primeira prova do Concurso na qual «Tele» e «Raso» ficaram a 1/5 e 2/5 de segundo do vencedor; só por mera falta de sorte o «Alcoa» ficou 3.^o na «Generalíssimo», separado por 2/5 de segundo da água vencedora; só por fatalidade a equipa se viu privada de alguns dos seus cavalos, por doença, e, nos últimos dias, sentiu a falta de Hélder Martins, que, num acidente, fracturou uma clavícula.

O número de classificações obtidas em Madrid, — vinte e seis — número superior ao alcançado pelos espanhóis em Lisboa, diz bem como se comportaram os nossos representantes e alguns dos seus cavalos, como por exemplo o «Alcoa», que se classificou em todas as provas em que entrou, isto é, desde a primeira à última, visto que disputou todas.

Dos componentes da equipa deslocou-se o capitão Correia Barreto, ganhador de onze prémios, entre os quais dois 3.^{os}, um 4.^o e um 5.^o, o único português que to-

dos os dias alinhou entre os premiados, com «Alcoa» e «Raso».

Seguiu-se-lhe o capitão Carvalhosa, que ganhou seis prémios, entre os quais o 2.^o da «Diputación», com «Tele» e «Zurri», e o tenente Celado, que ficou em 2.^o lugar no «Grande Prémio» montando «Xerez», e que ainda obteve mais quatro prémios, apesar da doença ter posto fora de luta o «Refused» e a «Gezo».

O major Hélder Martins obteve quatro classificações quando um acidente com «Opus» o afastou das provas.

Dos cavalos, além de «Alcoa», que foi a grande revelação do Concurso, devem assinalar-se as boas acções de «Tele», de «Raso» e de «Xerez», a confirmar a sua categoria.

Como pormenor curioso, diremos que dos oito cavalos de que dispunha a equipa, não contendo com os doentes, classificaram-se seis na «Taça Generalíssimo» e igual número no «Grande Prémio». Isto é, a nosso ver, bastante significativo.

Não houve primeiros prémios, é certo, e são estes os que mais nos agradam, mas os resultados de Madrid não deslustram nem envergonham. Pelo contrário, foram os nossos cavalos belidos pelo melhor que a Espanha possui neste momento — «Reina», «Quorum», «Rancho» e «Anover de Tejo» — mas a diferença que os separou foi ínfima, quase insignificante.

Se tivéssemos tido um pouquinho de sorte, teríamos ganho o genho bem...

Antas Teixeira

perder a Lisboa! — por ter derrotado a Alemanha por 9-2... Nos dois anos seguintes (1927 em Montreux e 1928 novamente em Herne-Bey) os franceses voltaram a ser segundos — apenas batidos pelos britânicos (1-2 e 3-5). Até 1932 — em mais 4 campeonatos — somente conheceram a derrota seis vezes: Inglaterra, 3-6, 0-6, 0-3 e 2-7; Alemanha, 3-4 (1929) e 4-6 (1932). O ano de 1934 (8.^o campeonato) foi, contudo, de desgraça para a França — e o primeiro de uma calamitosa e vertical descida nas tábuas de classificação. Nesse torneio — único em que Portugal não esteve presente — os franceses registaram cinco derrotas! De então para cá a série tornou-se progressiva... Conforme pode, aliás, verificar-se pelo quadro de resultados — que é o seguinte:

	J.	V.	E.	D.	goals	clasc.
Em 1926	5	3	2	—	18-8	2. ^o
* 1927	5	3	1	1	23-11	2. ^o (1)
* 1928	5	4	—	1	20-11	2. ^o
* 1929	5	2	1	2	22-11	3. ^o (2)
* 1930	5	3	1	1	7-9	2. ^o
* 1931	6	4	1	1	31-12	2. ^o
* 1932	5	3	—	2	29-17	3. ^o *
* 1934	5	—	—	5	12-24	6. ^o
* 1936	6	1	1	4	10-16	6. ^o (2)
* 1938	5	—	—	6	13-23	7. ^o
* 1938	6	1	—	5	9-21	7. ^o
* 1939	6	2	1	3	11-26	5. ^o (5)
* 1947	6	2	—	4	12-22	6. ^o

- 71 28 8 33 217-216
 (1) — Igualdade de pontos com a Suíça.
 (2) — Idem com a Alemanha.
 (5) — Idem com a Bélgica.

Quer dizer: as equipas da França distinguiram-se nos sete primeiros campeonatos (com cinco segundos e dois terceiros lugares: 22 vitórias, 6 empates, 8 derrotas e 150-79) para «caírem» nos seis seguintes: 6 vitórias, 2 empates, 27 derrotas e 67-137. A diferença, como se vê, é considerável! Contra Portugal, os oqueistas franceses obtiveram, apenas, três triunfos (2-1, 7-1 e 10-1: nos seus melhores anos 1930/31 e 32) e um empate: 1-1 em 1939. E perderam quatro vezes: 0-3 (1936), 0-2 (1937), 0-5 (1938) e 1-7 (1947). Total, a nosso crédito, de 4 vitórias, 1 empate, 5 derrotas e 21-21. Este é, por ora, um saldo positivo muito pequenino... Deu-se até a circunstância de só no cabo de oito desfilios se obter a vantagem de um triunfo — e a igualdade em golos. Claro que a França tem recursos. Está em declínio? Isso é admissível — mas há que contar com o futuro; e a turma que se exhibiu no Pavilhão do Parque Eduardo VII demonstrou possibilidades. 1948 dirá — em Montreux — se a França volta ou não no apogeu. Mas se não for nessa altura, decerto não tarda a «encontrar-se...»

Jorge Monteiro

A seguir. III — A equipa da Inglaterra.

CAMPEONATOS NACIONAIS DE ATLETISMO (JUNIORES)



Algumas imagens dos Campeonatos no Porto

— A chegada dos dois primeiros na prova de 1.000 metros. Eduardo Silva do Sporting, acabou por tunfar. 2 — Mire Soares, do Sporting, destaca-se sobre a chegada. Os restantes adversários estão bem errutados. 3 — A chegada do estafeta do Sporting, na prova de 3x300. Revela-se a energia do vencedor! — Mire Soares, valorosa, revelação do Sporting, conquista novo campeonato: — os 80 metros, cujo «record» nacional igualou



O Ateneu Comercial de Lisboa encerrou o seu ano desportivo com um sarau de ginástica que foi mais uma significativa demonstração da sua bellissima actividade em prol da educação física. Sucessivamente, todos os seus atletas demonstraram o aproveitamento e a cuidada preparação que ao prestigioso Ateneu merece o desporto. Bem ginasticados, rapazes demonstrando exuberantemente o valor e os resultados do desporto e da cultura física, conseguiram — justa e facilmente — os aplausos entusiásticos com que foi premiada mais esta demonstração das actividades do Ateneu Comercial. E como sempre graciosas as suas gentis componentes da classe de ginástica feminina

Foram interessantes e animadoras as duas jornadas do campeonato nacional de juniores a que assistimos no estádio do Lima. Bela competição, resultados apreciáveis, organização conscienciosa; apenas a meio do programa de domingo se registou um período de adormecimento, consequência do excesso de concursos em relação ao número de corridas.

Dispensadas as meias finais de 80 e 300 metros, correram-se as respectivas finais e ficaram para seguir-se dois lançamentos e um salto, que demoraram cerca de uma hora. Só depois se faz a chamada dos 3000 metros, seguida pelo lançamento do dardo e pela estafeta 5x80. Deates inconvenientes não pode, porém, inculpar-se, nem a entidade organizadora, nem os membros do júri.

O mal é de raiz e já dele falámos em crónicas anteriores o suficiente para nos dispensarmos de novas referências.

O mais importante para o crítico é o valor das marcas alcançadas e a classe manifestada pelos concorrentes classificados; um e outra satisfizeram, sobretudo em corridas, provando que o piso da pista não perdeu toda a sua tradicional elasticidade, isto apesar dos maus juízos dos nossos vizinhos espanhóis.

Quebrando a sequência dos triunfos benfiquistas, o Sporting alcançou uma excelente vitória colectiva, por 12 de vantagem, o que prova quanto a luta foi renhida. Curioso, também, nos seus aspectos: superioridade leonina em corridas, traduzida, por 81 pontos contra 46 e em lançamentos por 40 a 21; mas fracasso esmagador em saltos, onde os sportinguistas apenas conseguiram 11,5 p, ao passo que os benfiquistas atingiram 53 pontos.

Ambos os clubes obtiveram pontos em todas as provas; as maiores pontuações do Benfica foram no triplo-salto (17 p.), na vara (16,5 p.) e na altura (14,5 p.). O Sporting averbou 16 p. nos 80 metros, 13 p. no lançamento do dardo e nos 150 metros.

Em títulos tiveram os eleões marcada supremacia: 9, contra 5 aos benfiquistas, um ao Belenenses e outro ao Académico.

As figuras mais em valor no torneio foram Manuel Myre Soares e Eduardo Matos, vencedor cada um, em três campeonatos.

Eduardo Matos, campeão no disco, vara e triplo, com melhoria do recorde da categoria neste último concurso com prometedores 13,395 metros, é um atleta hábil mas já com alguns anos de experiência e que deverá circunscrever mais estritamente a sua actividade para alcançar na sua especialidade o prémio do valor demonstrado.

Myre Soares, consagrando-se na época de estreia um dos melhores corredores de velocidade de todos os tempos, ganhou os 80 metros igualando o recorde, os 150 em 16,4 s. — que também seriam recorde se o marcador das pistas não tivesse cometido o imperdoável erro de lhe roubar 85 centímetros — e a estafeta de 5 x 80 metros; é um atleta de excepcional classe que, já de seguida, nas provas da categoria superior, irá competir no plano de

Salazar Carreira

(Continua na pág. 14)



"ALCOA" — "GASA" — "REFUSED" tres irlandeses que são tres promessas!

QUANDO, em 1943, se fez a primeira remonta de cavalos irlandeses para montadas de desporto, desde logo se alimentou a esperança de que dos lotes sairiam animais de grande categoria que, depois do indispensável «arranjo», haveriam de ocupar lugares de relevo no hipismo nacional. Ninguém se enganou.

Ocupamo-nos hoje de tres, que esta época estão a acusar acentuadíssimos progressos e de cuja classe já não se duvida — o «Alcoa», «Gasa» e o «Refused».

Algumas linhas sobre cada um deles serão talvez oportunas e elucidativas para os leitores que gostam de conhecer a história dos cavalos mais ganhadores.

O «Alcoa» apareceu em 1945 montado pelo capitão Oliveira Reis a quem fora distribuído. Numa das primeiras «poules», — uma das quais venceram — ao saltar o «oxer» facturou um osso de um joelho que requereu aturados tratamentos e provocou a sua ausência das pistas, durante largo tempo. É um lação de oito anos, muito semelhante ao velho anglo-arabe «Magul».

No ano findo apareceu-nos montado pelo capitão Joaquim Leote. Melhorara, voltara a fazer alarde das suas possibilidades e a chamar sobre si todas as atenções.

Este ano foi indicado para ingressar no grupo de montadas de reserva da equipa nacional sendo distribuído ao capitão Barrento

mesma remonta e distribuída ao capitão José Caryvalho que melhor do que ninguém lhe avaliou as possibilidades. O animal, um castanho de dez anos começou a classificar-se bem e quando o conhecido concursista foi de abalada para os Açores deixou cá ficar a «Gasa» em plena forma.

Foi indicada para Madrid em 1945, onde foi montada pelo capitão Reimão Nogueira. Uma queda grave ocasionou-lhe o corte de um tendão que a impossibilitou de concorrer durante algum tempo. Em 1946 depois de readquirir a sua forma, montada então pelo capitão Fernando Pais, voltou a Madrid com o capitão Guedes de Campos mas novo acidente em terras de Espanha tornou a afastá-la das pugnas desportivas.

Surgiu há pouco no Concurso de Mafra, agora distribuída ao tenente Henrique Calado que a fez triunfar na 2.ª série da «Omnium», e classificar na prova «Estrangeiros» e «Grande Prémio», obtendo em Lisboa e Madrid outras classificações.

Por último tratemos do «Refused», uma montada adquirida pelo tenente Henrique Calado em 1945 e apresentada em público, seis meses depois, revelando um «arranjo» rápido mas esmerado.

Lação de oito anos, o magnífico irlandês entrou logo a impor-se e terminou a sua primeira época com oito prémios entre os quais se contam as vitórias na «Om-



que logo o inscreveu no Concurso de Mafra. Os resultados não se fizeram esperar. O triunfo coube-lhe na 1.ª série da «Omnium», ficando 2.º na prova «Estrangeiros» e 3.º na «Caça», e na «Taça de Honra». Em todo o certame deu apenas um toque, e em Madrid classificou-se em todas as provas, perdendo por pouco a «Genera-

lissimo».

A «Gasa» foi adquirida na

nium, de Mafra e na prova «Duque de Palmela», do certame de Cascais. Foi o 10.º cavalo mais premiado e este ano em Mafra classificou-se 2.º na «Omnium» e 11.º na «Caça», apresentando-se em boa forma. No concurso de Lisboa ajudou a alcançar a famosa «Taça de Ouro».

Eis os principais apontamentos que recolhemos da história destas tres irlandeses. — Antas Teixeira



A actual direcção do Campo de Ourique. Um grupo admirável de dedicação por uma ideia que vem de há 25 anos. Artur Marques Jorge, Augusto Tavares, Raul Sara de Anjo, António Ross Figueiredo, Manuel Almeida Bento e César Ferreira Antunes. O acaso não permitiu que vejamos neste grupo um alto elemento de grande dedicação, Manuel Patrício, o presidente do Conselho Técnico do clube. No entanto, pelo que tem de merecido, aqui recordamos o seu nome.

Foi em 1922 — há 25 anos — que um grupo de rapazes, sangue na juleira, os dezasseis e dezassete anos vencendo todos os obstáculos, fundaram um grupo desportivo, o Cunha Futebol Clube. Os onze rapazes deram nos vistes, logo o bairro de Campo de Ourique lhes notou a actividade, e não tardou muito que a iniciativa dos rapazes tomasse maior vulto. Por via disso apareceu o White Star Futebol Club e não muito depois — a ideia ia de vento em pó — aparecia definitivamente o verdadeiro clube, aquele que apesar do seu inconfundível cunho baírrista é um clube que tem projecção de valor no nosso meio desportivo: o Clube Atlético de Campo d'Ourique.

Surgiu desde então uma obra magnífica. O C. A. C. O. sempre animoso e entusiasta, tentando tudo para ser grande, à sua moda, subordinado a um critério que merece todo o respeito: olhar o desporto como função social para bem do povo. E tem vivido, digno, com brio. Quem há que não conheça a existência do Clube Atlético de Campo de Ourique?

Neste momento o clube festeja as suas bodas de prata. Este aniversário marca uma etapa na vida da prestígio colectiva. Entra-se no clube e sente-se a mesma animidade de sempre, sempre projectos em acção. E lá estão ainda alguns dos fundadores. Artur Marques Jorge, sócio n.º 2, actualmente presidente dos destinos do clube, Pedro Melo Barreto, também desse tempo, e tantos mais.



Hoje o Campo d'Ourique vai direito a um fim. Definitivamente lançamo-nos na realização do nosso sonho — diz-nos Artur Jorge. Vamos então fazer do Campo d'Ourique um Ateneu em ponto pequeno. A construção da sede vai tornar-se realidade. Contamos com simpatias que muito nos honram — continas dizendo-nos o presidente do Campo d'Ourique — o sr. Director Geral de Desportos preside à Comissão que vai tentar erguer o nosso edificio.

E com convívio: — Dentro deste bairro não há clube maior. E este clube tem de ser aquilo que deve ser dentro de um bairro de Lisboa como Campo d'Ourique.

— A vossa actividade? — Engrandece-se. Mais de uma centena de atletas em actividade. Ciclismo, Oquei em patins, Basquetebol, Ténis de Mesa, Ginástica, formação o Voleibol e a Natação.

Estamos contentes e confiantes em que o nosso Clube vai atingir o desenvolvimento que lhe apeteçamos. E será possível. Estamos rodeados de boas e grandes dedicações. Sentimos uma forte simpatia a encorajar-nos. Ao festejarmos os nossos vinte e cinco anos de vida desportiva saudamos, por intermédio da Stadium, os nossos sócios, verdadeiros impulsores desta obra que queremos seja grandiosa; as direcções transactas, pelo seu esforço para continuidade desta ideia de um grupo de rapazes de há 25 anos.

Estas palavras sintetizam o ambiente de entusiasmo e dedicação por uma obra — muito de desporto a acção social — que é de facto o Clube Atlético de Campo d'Ourique.

F. S.



O mais possível de desporto! É o Atlético de Campo de Ourique vai enriquecendo as suas fileiras. Sobre tudo sente nova, como os seus júniores de hóquei em patins. Em clima: A partir nasceu disfruta de um lugar privilegiado no clube. Eis a sua princesinha do patim, Mari Helena Simões, numa impecável exibição de patinagem artística.

Três argumentos contra as Olimpíadas de 1948

Por S. E. NELSON

Um golpe de vista sobre as críticas que têm assinalado os primeiros preparativos na Grã-Bretanha para a grande competição mundial desportiva do próximo ano.

Nesta ocasião as Olimpíadas de 1948 provocam mais discussões do que entusiasmo nos meios desportivos da Grã-Bretanha. Enquanto os preparativos avançam para um trabalho construtivo em grande escala, para os desportos e para o alojamento de um grande exército de concorrentes e das pessoas que os acompanham, pode ouvir-se um crescente resmungar de desaprovacão.

Esta desaprovacão é baseada em fundamentos diferentes. Primeiro, verifica-se a condenação daqueles que consideram todo o desporto internacional como coisa de mau estar entre as nações e que consideram os Jogos Olímpicos como a mais péssima coisa desse mal. Como um escritor londrino disse: «Estes grandes e embareçados competições não casaram até agora a guerra. Mas nenhuma delas, na memória dos homens, deixou de ser acompanhada de disputas...»

Aqueles que têm esta opinião — e são muitos — apontam as numerosas divergências sobre as decisões dos árbitros, que disfiguraram os resultados de tantos jogos no passado, as divergências sobre o significado do termo «amador» e, acima de tudo, o espírito do orgulho e do prestígio nacionalista que têm tornado os jogos não tanto acontecimentos desportivos como guerras sem armas.

Acusa-se a recepção de um donativo em madeiras

O outro grapo da opposição declara que a situação económica da Grã-Bretanha e a escassez de mão de obra virão a ser agravadas pela diversão de homens e materiais da reconstrução nacional, para que se possam realizar os jogos no próximo ano. A oferta da Finlândia de madeira para as bancadas do Estádio de Wembley é recebida com gratidão, mas esses críticos declaram que, apesar de tudo, o mais pequeno emprego de material de construção de casas e de operários da construção civil não deve ser desperdiçado.

Um terceiro coro parte daqueles que proclamam que a situação alimentar do mando não garante uma verdadeira competição entre atletas de países, muitos dos quais sofrem de grandes dificuldades de alimentação, o que torna essa competição desportiva desigual.

Aqueles que se queixam das

condições da alimentação e das circunstâncias económicas divergem contudo dos primeiros que se opõem a que as Olimpíadas se realizem em qualquer época. A segunda e a terceira objecções são provocadas não contra a realização dos jogos, mas apenas pelo facto de se celebrarem a tão curto prazo depois da terrível devastação causada pela guerra.

Entretanto, a despeito deste grande coro de objecções, os preparativos para os jogos prosseguem. Chegam diariamente pedidos de bilhetes, não somente de todas as partes da Grã-Bretanha, mas de todo o Mundo. Cada uma das nações representada nas Olimpíadas receberá uma quota de bilhetes, embora essa quota não tenha sido ainda decidida. Entretanto, os organizadores cuidam atentamente da impressão dos bilhetes, por se prever que falsificadores possam procurar obter lacros da grande procura que se espera.

Foram escolhidos os cavaleiros

Embora os arranjos para a maior parte dos jogos ainda estejam na fase do projecto, a questão dos desportos equestres já foi decidida. Com excepção da corrida para o Prémio das Nações, que deve realizar-se no

Estádio de Wembley, no último dia dos jogos, todas as competições equestres devem fazer-se no campo desportivo do Exército em Aldershot. Essas competições compreendem corridas de obstáculos e de saltos, e a Grã-Bretanha já iniciou a selecção do grapo de cavaleiros que vai tomar parte na corrida de saltos. Esta circunstância está em grande contraste com os preparativos para a maior parte das outras competições, para as quais até agora têm sido feitas poucas tentativas para a selecção; mas o Prémio das Nações nunca foi conquistado pela Grã-Bretanha e os cavaleiros ingleses mostram-se vivamente interessados em conseguir essa honra nos próximos Jogos.

Foram já escolhidos 10 cavalos e 5 cavaleiros e destes e de outros cavaleiros e cavalos será seleccionada o grapo final de três. Três dos cavalos já venceram grandes prémios: — «Kilgaddin», «Sparky» e «Bartestree». Entre eles, os 10 cavalos já venceram prémios de corridas de saltos na Grã-Bretanha nos últimos 12 meses.

O problema da participação da Rússia nas Olimpíadas continua a preocupar os meios desportivos. A Rússia não foi oficialmente convidada, visto não estar filiada em vários organis-

mos internacionais desportivos, o que é obrigatório para os países que participam nas Olimpíadas; mas os pedidos da Rússia para a admissão nesses organismos já foram apresentados. Entre estes inclui-se a Federação Internacional Atlética de Amadores. Se o pedido da Rússia for atendido, aquele país estará em condições de constituir uma Comissão Nacional Olímpica e é este organismo em cada país que, tecnicamente, recebe o convite.

Uma questão muito debatida

O principal obstáculo à aprovação da entrada da Rússia é a definição do estatuto do «amador». Esta debatida questão pode ainda trazer perturbações em outros sectores e é indispensável primeiramente esclarecer o que importa «o tempo de interrupção», para se evitarem novas complicações. No caso da Rússia, a maior parte dos desportistas não são nem amadores nem completamente profissionais; tomam de tempos a tempos parte nos desportos e os vencimentos durante a ausência das competições desportivas são pagos pelo Estado.

A Comissão especial da Federação Internacional Atlética de Amadores, que se reanua em Londres este mês, estudou o assunto; mas, principalmente devido à opposição americana, não-estaram-se de momento as esperanças de um compromisso.

Lord Barghley, Presidente da Comissão organizadora das Olimpíadas e da Federação Internacional Atlética de Amadores talvez tenha levantado a maior dificuldade quando declarou que quaisquer facilidades sobre o estatuto dos amadores pode abrir a porta a abusos.

ATLETISMO

O Sporting ganhou o Nacional de Juniores com 9 títulos e 3 recordes

(Continuação da página 12)

igualdade com os melhores. Temos nele um especialista dos 200 metros susceptível de atingir muito em breve — este critério sujeito à relatividade das suas disposições de preparação — os limites do nosso mínimo nacional. Vale, de momento, menos de 23 segundos, numa pista que não seja a das Salésias, onde, segundo consta, a Associação pretende organizar a sua jornada de domingo próximo.

O domínio sportinguista na velocidade reforçou-se com as classificações de Rui Maia, cujos progressos são notáveis, e de Jorge Machado, que recuperou a boa forma de há três épocas atrás.

A vitória de Luis Rocha sobre Fernando Casimiro nos 300 metros foi a maior surpresa dos campeonatos; melhoria acentuada de condição do primeiro, como provam os seus 37,5 s., mas também quebra evidente do esperanoso benfiquista, para o qual, felizmente, a temporada activa terminou. Os seus dezasseis anos

não suportaram impune os esforços sucessivos em tão dura competição.

Nesta prova, Tito Duarte voltou a dar amostra das suas possibilidades; não sabe correr, muito contraído e lento na partida, mas tem o estôfo de corredor de velocidade prolongada.

Alves da Silva e Branco confirmaram, nos 1.000 e nos 3.000 metros, as suas vitórias dos Regionais; o primeiro, com a sua impressionante ponta final, conseguiu modificar uma situação que, por má tática, parecia sem remédio à entrada na recta final.

Castelo Branco melhorou de semana para semana e, ao contrário, Guedelhas e Araújo indicaram precisar de descanso.

A classificação de Natal dos Santos nas barreiras foi a consagração de um habilidoso.

O Sporting, ganhando as três estafetas, mostrou que a sua equipa não brilha apenas pelo fulgor dos primeiros planos.

Os resultados dos saltos foram dispare; bons no triplo e no comprimento, inferiores na al-

tura e na vara, consequência evidente da plataforma de saltos, que é péssima e praticamente inutilizável.

No capítulo de lançamentos destaca-se a marca de José Paulo Cardoso, que atirou o dardo a 51,75, segunda marca portuguesa; não é ainda perfeita a fase final do trabalho do braço, mas beneficia da forma correcta como mantém o engenho durante a corrida e da harmonia de coordenação entre a descida do dardo e a sequência dos passos cruzados.

João Muralha e Jorge Mator, menos experientes e apurados, também alcançaram resultados apreciáveis para a sua categoria.

O Porto obteve, no martelo, a única vitória dum seu representante; o académico José Madeira tem condições, mas é ainda muito irregular na execução das voltas, desequilibrando-se com frequência. Questão de prática.

No lançamento do peso, Castelo Lopes venceu nitida superioridade e os resultados do disco foram, em comparação, bastante inferiores.

Para concluir, caloroso aplauso à acção do juiz de partida, Alberto Delgado; excelente, com absoluto domínio sobre os corredores, sem uma falha. As largadas das finais de velocidade, mantendo os homens firmes o tempo que quis, foram um primor.

S. C.

Tanto trabalho por parte do F. C. do Porto na organização do jogo contra o Vesco da Gama! E tanta desilusão! No final do encontro entre azuis-brancos e vascaínos, havia algum desânimo entre os directores. A recella não lhes correspondendo ao seu esforço, o que é lamentável.

Vinte contos para o Académico, 5 por cento da receita líquida e entrada de alguns milhares de sócios teve o F. C. do Porto que der ao clube do Lima para fazer ali o desfecho.

Está o Académico no seu direito, porque o campo é seu, evidentemente. E se apontamos o caso é apenas para lamentar mais uma vez que o importante clube do Norte viva neste regime de favor e de inferioridade.

Conto o F. C. do Porto com uma massa associativa dedicadíssima. Os seus sócios pagaram as entradas no Lima sem um protesto, sem o mais leve queixume. Compreenderam que a sua direcção precisava da sua ajuda e não se recusaram ao pagamento das entradas.

Com sócios deste quilate, — no dia em que o F. C. do Porto possuir um campo, será definitivo, incontestável o seu progresso.

Por ora, — tudo são dificuldades. E tremendas!

Não agradou aos portuenses a exibição do Vesco da Gama. Os portuenses tinham ainda nos olhos o trabalho dos argentinos, o seu malabarismo, os seus queibros, e sua arte, e por isso não puderam apreciar cuidadosamente o valor dos vascaínos.

De resto, e segundo diz quem os viu na capital, os vascaínos não jogaram o seu melhor. Por não o consentir o F. C. do Porto? Um pouco, em determinadas ocasiões.

Em verdade, o Vesco da Gama demonstrou lentidão, descuidos vários, e daí o não impressionar absolutamente. Mas não pode dizer-se mal da sua equipa. É boa, sabe jogar — e jogou mesmo! Um futebol diferente dos argentinos, aproximando-se do europeu, a que só faltou rapidez para brilhar.

Afinal, a equipa de endebol do F. C. do Porto parece remoçar. A inclusão de Pires, Veiga 2.º e Campos, vindos do basquetebol novamente, deram ao conjunto certo poder que não tinha.

Já venceu dois adversários de boa classe: Vilanovense e Vigoroso. Veremos agora o seu comportamento futuro, para ejuzizar melhor do seu valor.

Tivemos ciclismo no Lima, mas a sessão desagradou. O F. C. do Porto dividiu em dois pares os seus 4 melhores corredores: Ono-

A NOVA ÉPOCA...

A nova época deve preocupar os clubes portuenses. As equipas de futebol dos principais agrupamentos denunciam certa incapacidade, e isso obriga a cuidar, desde já, na remodelação dos quadros. Estamos a poucos dias do encerramento da época de futebol, e por certo veremos os dirigentes e os técnicos entregues à tarefa árdua e ingrata de melhorar as suas equipas — porque uns hão-de exigir e outros «explorar» a situação, que é, como quem diz, a passagem de uma época para a outra.

Não pode deixar de afirmar-se que os clubes portuenses não deram boa conta de si nos campeonatos recentes — um deles perto da fase final. Ora, como é sabido, uma boa equipa garante a fidelidade constante do público; e, se tal não suceder, abandona os campos, aborrece-se, prejudicando as bilheteiras e por conseguinte a própria expansão do clube.

Está portanto na altura dos grupos portuenses pensarem com certa dedicação no futuro, evitando as surpresas que costumam surgir de Julho a Setembro. Os jogadores terminam a sua missão, partindo para férias, mas os dirigentes e os técnicos, embora as mereçam, não as podem ter. Há trabalhos importantes a realizar, no desfecho, para que o ano de 1947/48 seja um pouco melhor e corresponda aos sinceros anseios do público nortenho.

Toda a cautela é pouca. Que ao menos se não perca o que já foi feito em benefício do popular futebol, que o público estima, mesmo lutando contra uma série grande de contrariedades e desgostos, mesmo assistindo a vários jogos inferiores e desnivelados.

Educação desportiva

Não sabemos se foi assim como nos contam. Mas, embora tenhamos confiança nas pessoas que relataram vários incidentes passados em familiarção, basta que cinquenta por cento dos casos correspondam à verdade.

Destas coisas que sucedem não

[re Tevares-Aniceto Bruno e Fernando Jorge Moreira-Dias dos Santos, que se classificaram em 1.º e 2.º lugares. O Académico foi terceiro.

As provas, entretanto, não responderam aos desejos do público. Médias fracas e algum desinteresse.

Dizemos há tempos que Driss e Djilali, os ex-marroquinos de Iluminante, não tinham ainda resolvido, definitivamente, a sua situação, isto é, — o seu ingresso no Académico.

Até agora tem sucedido assim. Os marroquinos ainda não chegaram, e parece-nos bem que ficarão lá pelo seu terra. Que fazem falta na equipa alvi-negra é bem verdade.

têm culpa os clubes, ou melhor, as suas gerências. Alguns árbitros que costumam dirigir os jogos ao sabor das maiorias e o público apaixonado e inculto contribuem em larga escala para a desorientação dos jogadores, que entram no caminho das violências, às vezes inqualificáveis e desumanas. Há elementos que se apontam sem reboço, porque não deixam nunca de «marcar» o seu «amor clubista», porque jogam sempre com o propósito de magoar.

Ora é necessário que estas coisas terminem de vez seja onde for. Que os grupos trabalhem pela sua vitória é absolutamente justo. Mas que a vitória possa ser limpa, possa considerar-se certa e honrosa. Há vitórias que deprimem, que encolhem o próprio vencedor. E há derrotas honrosas.

Infelizmente, por influência de árbitros incapazes ou de públicos que assistem de varapau ou de pedras na mão, muitas das primeiras merecem ser criticadas asperamente. Embora o eco de muitas palavras e de muita doutrina não tenha o virtude que se lhe pretende impor, nem por isso deixaremos de apontar os defeitos desastrosamente arreigados em certos espíritos maus ou incorrectos por ausência absoluta de educação desportiva.

MOSAICOS nortenhos...

Começou a prova máxima do oquei em campo: «Taça de Portugal». Representam-nos as equipas do F. C. do Porto, campeão regional, e o Ramaldense, com história no torneio. Efectuou-se já o primeiro desfecho entre ambos, tendo-se verificado um empate.

Conquistará o Norte, desta vez, o seu primeiro título nacional da modalidade?

Núncio, o popular atleta dos 100 e 200 metros, representará este ano o F. C. do Porto, como se sabe. Estudando actualmente neste cidade, escolheu Manuel Núncio a secção dirigida por Arnaldo Borges. Não o julgamos, entretanto, em boa forma física, o que é de lamentar. O simpático Manuel Núncio deve ler-se esquecido muito de sua preparação, com certeza...

E natação? Estamos em pleno Verão, mas a respeito de provas, — absolutamente nada. Em Lisboa já se principiou há bastante tempo, mas no Porto, como há muito acontece neste desporto, continua e indolente. Ai piscina, piscina...

A propósito: sabemos que se procura agitar o assunto. Mais uma vez, claro. Agora é concorrente a Foz do Douro, onde ele ficaria muito bem, na verdade. A piscina, a desejada piscina, viria dar sério impulso a tão útil desporto e, por isso, na Foz ou na Praça da Liberdade, o que é preciso é que se faça!

Prejuízos e mais prejuízos batem à porta dos clubes de futebol, cá no Porto. Para oferecer ao público jogos bons, obrigam-se as direcções a despesas incomportáveis. Os impostos, por sua vez, esfaínam a organização. Em face de problemas complicados, como é natural, desiste-se de muita coisa que poderia servir o desporto portuense, sem auxílios de qualquer natureza.

E não se vê solução se não reagirem todos os elementos interessados. Mas todos. Os esforços isolados de nada servem.

assinem a STADIUM

NA TAPADINHA



Sansão, guarda-redes do Famalicão, defende com segurança uma bola alta! Gregório, a distância, ainda espera qual-quer oportunidade

NO BESSA



O avançado-centro do F. C. Porto, Boavida, desta vez ficou em «brancos»... Nenhum remate seu chegou às redes

EM COIMBRA



Saindo arrojadamente, defende Machado uma bola a pontapé, ante o espanto de Bentes

EM ELVAS



Bravo, avançado do Estoril, já não chegará a tempo. O guarda-redes elvense, Semedo, tem a bola bem segura

O Grupo Desportivo de A "Iluminante" também sabe jogar FUTEBOL...

No Campo Grande, como já dissemos noutra lugar da revista, encontraram-se duas equipas do Grupo Desportivo de A «Iluminante». Festa de pura confraternização, embora durante os 90 minutos cada grupo procurasse ganhar o desafio — o que não aconteceu. E não aconteceu porque empataram 2-2. Apresentamos as duas equipas e o árbitro. Como se vê pela fisionomia de todos, nem há tristeza nem se pensa no resultado. Bons desportistas

